

AS REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA E DO ESPAÇO EM *ESPINHOS E ALFINETES*, DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Vanessa Barbosa¹
Jane Adriane Gandra²

Resumo

O presente artigo trata-se de uma análise dos contos compilados no livro *Espinhos e Alfinetes*, do autor paulista João Anzanello Carrascoza, tomando como recorte o aspecto da infância, como sendo o espaço ideal e escolhido para o refúgio de uma alma atormentada pelas ausências de entes queridos, que se foram devido à morte ou ao abandono, o luto representa tempos difíceis. As histórias narram assuntos do dia-a-dia, como a dor e a saudade pela ausência de alguém que amamos, e as recordações advindas dos momentos prazenteiros com ela. Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica, fundamentando-se nos estudos de Le Goff (2003), Michel Pecheux (2010), Lucas Andrade (2015), Dione Zavaroni e Terezinha Viana (2015), na abordagem das temáticas de infância e morte, memória e espaço. Importante ressaltar que as personagens desses contos, geralmente, estão presas às recordações do passado, particularmente na infância, que são recuperadas por *flashes*. A busca incessante e a interpretação dessas recordações parecem ser necessárias para suportar e compreender o momento presente. Os protagonistas dos contos de Carrascoza, após uma perda, enfrentam momentos de autoconhecimento, que trazem reflexões nostálgicas. As crianças dessas narrativas precisam aprender a conviver com a ausência da pessoa amada. O peso do luto é intensificado pelo grau de apego afetivo que a pessoa estabelece pela falta do outro, o amor está quase sempre relacionado à tristeza e dor. O sofrimento – quando compreendido como um ritual de passagem, necessário para o amadurecimento da pessoa – transforma o ser humano para melhor.

Palavras chaves: Infância- casa/lar – morte – memórias - contos

Abstract

The present article is an analysis of the compiled tales in *Espinhos and Alfinetes's* book, written by João Anzanello Carrascoza from São Paulo, taking as a clipping the childhood's aspect, as the ideal space and chosen as the refuge of a tormented soul by the absences of the dear ones, who has left due to death or abandonment, mourning represents difficult times. The stories narrate everyday life, such as pain and missing the by the absence of someone we love, and the memories that come from pleasurable moments with the person. For the development of this research, it was used the method of bibliographical research, based on the studies of Le Goff (2003), Michel Pecheux (2010), Lucas Andrade (2015), Dione Zavaroni and Terezinha Viana (2015), in the the themes of childhood and death, memory and space approach. It is important to emphasize that the characters of these stories are usually attached to memories from the past, particularly in the childhood, which are recovered by flashes. The incessant search and interpretation of these memories seem to be necessary to support and understand the present moment. The protagonists of Carrascoza's tales, after a loss, face moments of self-knowledge, which brings nostalgic reflections. The children of these narratives need to learn to live with the absence of the loved one. The burden of grief is heightened by the degree of affective attachment one establishes for the lack of the other one, love is almost always related to sadness and pain. Suffering - when understood as a ritual of passage, necessary for the maturation of the person - transforms the human being in a better person.

Keywords: Childhood - home / home - death - memories - tales

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras. Universidade Estadual de Goiás (UEG - Câmpus Posse) Email: vanessaluzb@gmail.com

²Orientadora e Professora da Universidade Estadual de Goiás – UEG – Câmpus Posse do Curso de Letras Português/Inglês. E-mail: jane2316gandra@gmail.com.

1 Introdução

João Anzanello Carrascoza nasceu em 1962, no interior de São Paulo na cidade de Cravinhos, em meio à natureza, em contato com árvores, casas e pessoas. O mesmo desenvolveu o gosto pela literatura ouvindo seu pai contar histórias e lendo os livros da biblioteca da sua mãe. Ainda jovem mudou para São Paulo para cursar publicidade, pois a arte de vender e o talento para a leitura e escrita de histórias o favoreceram com a conquista de diversos prêmios. Além de escritor, Carrascoza ministrou aulas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), faculdade onde concluiu seus estudos de graduação, mestrado e doutorado. Outrossim, João Carrascoza participou de programas internacionais como a Ledig House (EUA) e o Château Lavigny (Suíça). Atualmente, o escritor continua ministrando aulas na (USP) e na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e escrevendo suas obras literárias. Ainda desenvolveu campanhas publicitárias para Coca-Cola, Ford, Nestlé, Bayer, entre outras marcas.

As obras de João Anzanello Carrascoza são basicamente constituídas de prosa, nos gêneros romances e contos. Além de uma literatura voltada para um público adulto, devido à complexidade da estória narrada, Carrascoza escreve também para o público infanto-juvenil. Dos títulos publicados se destacam: *Espinhos e alfinetes* (2010), *Amores mínimos* (2011), *Aquela água toda* (2012), dentre outras. Embora este autor se dedique a narrar temas prosaicos, estes não deixam de ser criados sob um olhar expressivamente lírico e saudosista. Segundo esse autor, os contos em *Espinhos e alfinetes* surgiram de experiências de perdas que o afetaram, enfim, é produto de suas inquietações humanas. Outro detalhe interessante é a presença de protagonistas crianças nessas estórias. Nesse sentido, parece que a infância e os assuntos que a envolvem são privilegiados pelo autor, que não deixa de recordar momentos de sua meninice, mesmo aqueles que lhe causam dor.

A infância é uma fase importante na vida de qualquer ser humano, temperada com “liberdade”, inocência e criatividade. A escolha dessa temática como recorte deste estudo foi por identificar que a infância tem um significado especial na vida dos personagens de Carrascoza. Um exemplo disso são os episódios felizes convertidos em melancolia e nostalgia devido às lembranças e solidões advindas das ausências de pessoas queridas. É importante ressaltar que durante a fase infantil são construídos valores e princípios, mas também ocorrem traumas que, dependendo da gravidade, podem perdurar por toda a vida. Nesse período, a

criança depara-se com um vasto mundo para ser explorado e experimentado, e essas experiências ficam impressas na memória, individualizando cada pessoa como ser único.

A infância é uma fase em que as crianças necessitam da proteção de seus responsáveis. Contudo, mesmo diante do olhar tutelado dos adultos, é nessa fase em que o indivíduo mais saboreia o sentido de liberdade. O sentido de explorar e descobrir o mundo a sua volta abre inúmeras possibilidades para o corpo e para a mente. Assim, correr, brincar, pular, sonhar, imitar e imaginar personagens e outras “vidas” são algumas ações no exercício dessa liberdade, mesmo que monitorada por pais, parentes e professores.

A fase infantil é um período muito importante para a formação moral, intelectual, afetiva e social do indivíduo. Para a Psicologia, segundo Dione Zavaroni e Terezinha Viana (2015), muitos traumas da vida adulta têm sua origem na infância, devido a acontecimentos violentos – sejam eles de caráter moral, físico ou psicológico – pelos quais a criança é exposta e não consegue suportar a dor. Cada ação externa ou atitude de alguém em relação à criança gera, conseqüentemente, vários tipos de sentimentos como por exemplo: alegria, tristeza, medo, gratidão, vergonha, entre outros. Sentimentos ou recordações associadas a traumas melancólicos, são verdadeiras feridas que sangram ou cicatrizam, dependendo de como reagirá esse indivíduo em formação na vida adulta.

Nos contos desse livro, é comum que as pessoas estejam sempre presos a lembranças antigas, principalmente os bons momentos da infância, por isso o processo de memorização dos personagens é algo constante. De certa forma a criança do passado ainda está viva dentro dos personagens. A busca incessante e a interpretação dessas recordações parecem ser necessárias para suportar e compreender o presente. Na verdade, as lembranças se tornam um elo entre o mundo inteligível e o mundo sensível de cada personagem de Carrascoza, o passado dos personagens dos contos teve seus problemas advindos de causas naturais que foram inevitáveis: perdas, denominadas pelo autor de espinhos. Os erros cometidos são chamados de alfinetes pelo fato desse objeto ser fabricado por mãos humanas, por conseguinte, as falhas são frutos das ações dos sujeitos, ou seja, o ser humano fabrica males que pode vitimar a si próprio ou a outros. O conto “Poente” narra a conversa fria entre um casal, que não demonstram mais atenção e carinho um com o outro. A única saída é a separação, acordada pelos dois. Tudo são alfinetes entre marido e mulher, porque cada um alimentava a ideia da separação, principalmente o homem. O amor que viveram no passado

não faz mais sentido para eles. É nesse momento que o projeto de vida conjugal sonhado pelos dois perecem. O alfinete é em decorrência da mesmice do dia-a-dia, com ele vem o desinteresse e a intolerância. Nesse sentido, não há mais porquê tentar salvar o laço matrimonial. Há um conformismo e uma forte inclinação para a separação. “O homem ergueu a cabeça e sussurrou, Não pensei que fosse acabar assim; a mulher, os lábios trêmulos, ia dizer, Não pensei que fosse acabar, mas engoliu seu desencanto e não disse nada” (CARRASCOZA, 2010, p. 29).

No conto “Adão”, é narrada a história de uma criança que perdeu sua mãe para a morte. O espinho que surgiu na vida dessa criança que, para superar a dor da saudade, cantava as canções que aprendera com a mãe. O canto do menino era uma forma de trazê-la de volta: “Um dia deu para cantar trechos de músicas que escutara da mãe, a memória fervia, como se os versos pudessem trazê-la de volta e a palavra mãe deixasse um ar de palavras na palavra silêncio” (CARRASCOZA, 2010, p. 47).

Atualmente, a infância para algumas crianças também tem seus espinhos, no caso de doenças de nascença ou que vem a se desenvolver nesse período. E possui os alfinetes que são os males que são produzidos pelas pessoas que a cercam, ou por elas mesmas como, por exemplo: Palavras que magoam e as deixam humilhadas, a agressão física e, aquela que deixa marcas mais profundas, a psicológica. O sofrimento gera em alguns casos a ansiedade que incentiva a criança a comer sem parar, dando assim origem à obesidade que causa transtornos psicológicos da não aceitação do seu corpo e, conseqüentemente, a busca do isolamento social.

No livro *Espinhos e Alfinetes*, de João Anzanello Carrascoza, publicado em 2010, temos vários contos, cada personagem com sua história de vida ligada a contextos familiares em seus lares, enfim, vão tecendo sentimentos de acordo com as experiências vivenciadas, saudade, tristeza, alegria e melancolia. Revisitar o passado é um processo doloroso quando as recordações estão associadas às perdas e decepções da vida. Os personagens dos contos vivenciam um luto, há um sofrimento interno causado por essas lembranças, quase sempre.

Os contos provam claramente que nem mesmo as crianças estão livres do sofrimento. O mais interessante é que os personagens não desenvolvem um mecanismo de defesa sobre essas lembranças, surpreendentemente, eles mergulham de corpo e alma nessas recordações. Nos contos, não se cogita a palavra esquecer, ao contrário, os personagens sentem a

necessidade de recordar, isso acaba se tornando uma necessidade, uma fuga afetiva, uma blindagem para suportar a dor, a solidão, a saudade e a tristeza intensa. No conto “Mar”, o pai relembra com carinho os momentos vividos junto a seu filho amado:

às minhas costas o alto-mar, de onde as ondas se soltam, pai, pai, e vem uma forte e me solavanca, eu em redemoinho, e ele se diverte com meu descuido, as águas incessantes, vagas que brotam de vagas, e o rumorejar oceânico, o rumorejar, e nós, nós dois, banhados pelo mesmo instante (a imperceptível alegria) (CARRASCOZA, 2010, P.37-38)

A linguagem corporal tende a dizer mais do que as próprias palavras. Assim, a idéia de que algo não está bem e há uma manifestação de sofrimento será expresso pelo derramamento de lágrimas, olhar profundo e triste, repleto de melancolia. É claro que as reações dependem da personalidade e individualidade de cada pessoa, pois não são todas que expressam seus sofrimentos na mesma intensidade e frequência. Ao contrário, tem sujeitos que mantêm as dores camufladas dentro de si e, às vezes, ninguém se dá conta de que por traz de um sorriso largo há uma dor profunda.

Os momentos de paz de espírito e remédio para a dor que dilacera torna-se a ação de rememorar. Dessa forma, o eu interior transita nos espaços obscuros dos pensamentos, sempre que pode, criando um mundo paralelo de refúgio. No caso das experiências infelizes, que geram indagação, são sempre relacionadas à mágoa. Neste caso, os personagens dos contos poderiam ser vistos como vítimas? O ser humano tem o direito de escolher se sentir derrotado, o que não é auspicioso ou desafiado diante dos espinhos que são os sofrimentos pelos quais o mesmo passa. No conto “Adão”, o protagonista é uma criança, que não tinha muitos motivos para sorrir, pois perdeu sua amada mãe. Porém, o menino não se sente derrotado, o mesmo trabalha como engraxate e executa seu ofício, cantando para os clientes. O pequeno engraxate encontra na música um analgésico para a dor da saudade. A arte de cantar foi herança que recebeu da mãe, a ação de soltar a sua voz, produzindo uma canção o consolava interiormente.

Começara a cantar depois que a mãe adoecera e, tão breve quanto um refrão, partira para sempre. No chão de terra batida, Adão se entretinha com seus toscos brinquedos, a mãe lavava e estendia roupas no varal, cantarolando. Ele a ouvia, embevecido, mesmo sem saber o significado de muitas palavras que nasciam de sua voz. Já desconfiava que o som delas atraía; a palavra dor, tão bela, não dava conta de tudo o que restara nele quando a mãe se fora; a palavra cruz, não lhe doía pronunciá-la, mas, ele sabia, tão pesada era de sentidos... (CARRASCOZA, 2010, p.46- 47).

A ação de cantar era uma das coisas que a mãe de Adão gostava de fazer, seu amor maternal e o seu canto faziam todo sentido na vida de Adão. Quando ela falece, o filho decide assumir também a missão de cantar, essa atitude é uma declaração de amor para com sua amada mãe.

2 Embasamento teórico

A primeira discussão de que se ocupará o embasamento teórico é quanto ao conceito de memória que, em sentido simples, é um lugar em que ficam guardadas as lembranças. Nas narrativas dos contos a memória é caracterizada pelas recordações referentes à morte física e também simbólica. É importante frisar que términos de relacionamentos são caracterizados como morte simbólica, porque é uma perda. No conto “Poente”, o leitor pode perceber esta constatação: “O homem ergueu a cabeça e sussurrou. Não pensei que fosse acabar assim; a mulher, os lábios trêmulos, ia dizer, Não pensei que fosse acabar, mas engoliu seu desencanto e não disse nada” (CARRASCOZA, 2010, p.29).

A epifania ocorre nos contos quando, de repente, um personagem tem uma revelação, faz uma descoberta, percebe que algo vai modificar sua concepção de mundo e ampliar sua consciência. No conto “Dora”, o irmão dela vai buscar o resultado dos exames e descobre que a irmã está com uma doença terminal, ele sai do hospital arrasado e conversando com outros familiares, decidem não contar a Dora sobre seu estado e os mesmos aproveitam cada momento ao lado da irmã demonstrando o quanto eles a amam:

Pede outro exame, doutor, e o médico, Não é preciso, o importante era iniciar logo as aplicações, É melhor não contar nada a ela, e nós saímos à rua, zonzos com a cruz daquela verdade às costas, e meus olhos se recusavam a ver o mundo que em breve não teria mais a suave presença de Dora (CARRASCOZA, 2010, p.79).

No referido conto, existe um luto antecipado, os familiares ficam tristes com as circunstâncias, alguns dos irmãos é o narrador que vai recordando continuamente da história de Dora. Acerca do batimento entre o novo e a memória do passado, Pêcheux afirma que:

Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento: - um jogo de força que visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; – mas também, ao contrário, o jogo de força de uma ‘desregulação’ que vem perturbar a rede dos ‘implícitos’(PECHEUX, 2010, p.53).

Assim, para Pêcheux (2010), existe um embate entre os laços de memória e as ocorrências vivenciadas no decorrer do discurso. Se, de um lado, a memória pretende tornar estável e equilibrar os implícitos, de outro, temos um esforço para desestruturar e construir um apagamento dos acontecimentos ruins do passado. Percebemos isso nos contos de Carrascoza, em que os personagens têm suas memórias ativadas por acontecimentos que causam certa desestruturação, um deslocamento da zona de conforto. Assim, a memória não é somente a retomada de lembranças, mas ainda um “espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). O conto “Aqui perto” narra a história de um menino que estava acostumado a ficar em casa, na companhia dos pais. Contudo, os pais o forçam a ir passear na casa dos tios para interagir com a família. O garoto ficou perplexo, pois não sentia nenhuma vontade de sair do seu lar. “Se viver pedia larguezas ao menino, doía tudo o que nele aumentava. Por isso, quando no jantar soube da viagem, entristeceu-se, até o fundo” (CARRASCOZA, 2010, p.95).

De acordo com Le Goff, a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar “identidade”, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p.476). De acordo com essa citação, o ser humano nasceu para a socialização, viver em sociedade e construir a sua história de vida que faz parte das memórias. Sobre a memória individual, Halbwachs nos diz que:

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004, p. 55).

Podemos considerar que a memória não se caracteriza como um espaço estático e, sim, dinâmico que se movimenta e se reinventa a cada instante. E as ações se alternam conforme a necessidade do momento. O indivíduo pode escolher como usar sua memória, fazer um treinamento para controlar a mesma que, por vezes, insiste em pensar no que não deve, gerando assim uma tristeza profunda. No conto “Só uma corrida”, o protagonista apesar de ter sofrido com os espinhos da vida¹, o mesmo não se revolta, mas olha com o sentimento de gratidão. Neste aspecto, percebe-se um sentimento de superação diante da dor.

¹ Os espinhos da vida, que ocorreram na vida do taxista do conto “Só uma corrida”, foram o acidente de seu pai e a separação ocorrida do seu primeiro amor, o sacrifício do cachorro Tor.

Pensar, rememorar é como dirigir um carro, tem que ter o controle, saber efetuar as ações no tempo certo, prestar atenção. Quando os pensamentos ruins, negativos começam a fluir, gerando sensação de derrota, dor, revolta é como se fosse uma colisão de um caminhão com um carro pequeno. O sofrimento que advém disso é um soco no estômago. A memória é como uma caixa cheia de lembranças, retenção de fatos, muitas vezes, ela representa um pedido de socorro, para converter as lembranças ruins em algo bom. Fazer esse exercício de tentar ver o lado bom dos males ocorridos. Analisando os contos de Carrascoza, cada personagem enfrenta as lutas com as armas que tem. Até um “falso” sorriso pode se tornar uma forma de espantar a tristeza.

Na maioria das vezes, a luta é contra o próprio eu interior, cada gota de pensamento ruim, negativo, derrota, representa os opressores do espírito e do corpo. Há um ensinamento nos contos que cada personagem procura evitar a sua permanência nessas “celas de solitárias” desencadeadas pela melancolia e pelo deslocamento constante do indivíduo no tempo presente. É uma luta constante, porque não é fácil, então tem que ter persistência e muita força de vontade de recomeçar para vencer.

Ninguém sente saudades dos fatos ruins. Às vezes, a dor é gerada por meio de eventos inesperados que machucam o ser amado, devido a uma doença ou outra fatalidade. Os espinhos quando eles atormentam as pessoas próximas que faz parte da convivência do sujeito que ama, mesmo que o ser amado não corresponda ao amor, seu sofrimento atingirá o coração do ser que ama, gerando uma melancolia compartilhada, porque amar de verdade significa comemorar o sucesso do outro e sofrer com a sua derrota. O sofrimento do próximo, que é o ser amado, afeta os sentimentos dos demais personagens do conto, levando o leitor a refletir sobre a complexidade da vida. No conto “Coração”, a família sofre por causa da morte de um homem que era pai e esposo. O mesmo teve um mal súbito, chegando a ser levado pela ambulância, mas não resistiu. A família padece diante desse fato e o sofrimento que sentiram é inexplicável. “A memória modifica os fatos, mas o menino, naquele dia de dezembro, viu a mãe gritar ao telefone, sacudir o pai imóvel, gritar novamente ao telefone, chorar, gritar [...]” (CARRASCOZA, 2010, p.74).

O amor verdadeiro se compraz em ver o outro feliz. Quando isso não acontece pode ser sinal de egoísmo e orgulho. Basicamente, a reflexão, que os contos trazem para os leitores, é que toda amizade deve ser cultivada todos os dias, com boas ações, fazer o bem, sabendo

que mesmo com a partida do ser amado, restou a consciência limpa e o sentimento de saudade. No conto “Coração”, o filho guarda lembranças boas do seu pai.

Parabéns, filho! Havia orgulho na voz do pai, e os olhos, os olhos dele resplandeciam, como se não tivessem, igual a todos nós, nascidos para se fechar. Lembrava-se de outras ocasiões em que as palavras do pai produziam milagres, como nas noites de temporal, quando as luzes oscilavam até tudo se tornar escuridão. Está tudo bem! (CARRASCOZA, 2010, p.72- 73).

O filho recorda com saudade dos bons momentos vividos com seu pai querido, o amor paternal se manifestou também através da pronúncia de palavras carinhosas que brotavam da boca do pai e que traziam conforto e ajudava na autoestima. A narrativa ressalta o quanto o menino admirava o pai e que após a morte dele ocorrida no mês de dezembro, o garoto teria que buscar meios de superar essa perda.

O indivíduo se forma a partir das experiências concretas que ocorreram e que continuam ocorrendo na sua vida. As lembranças podem ser convertidas em algo bom através de uma nova visão para o acontecimento. É preciso que aconteça a mudança interior necessária, através de um diálogo com o eu interior e o enfrentamento das situações. As lembranças ganham novos significados a todo instante. A transformação faz parte da vida, nos contos é notável a passagem do tempo que mudou as situações, as oportunidades perdidas se foram para sempre. Por exemplo, no conto “Da Próxima Vez” o neto ficava adiando fazer uma visita a sua avó e passar mais tempo com ela. Quando resolveu ir, ela já estava no leito de morte. Foi tudo muito rápido e triste.

As recordações que aparecem na mente dos personagens revelam sua história de vida. Durante a fase da infância dos personagens, os adultos tomavam decisões pelos pequenos, porque eles ainda não estavam preparados para tomarem decisões sérias. A migração para a fase adulta traz a responsabilidade e a liberdade da tomada de decisões em relação ao campo sentimental, a área profissional, etc. As memórias abrem espaço para reflexão das ações do passado, seus pontos negativos e positivos. Por que não deu certo se a intenção era boa?

As boas sementes precisam ser semeadas para que no tempo da colheita, possam colher o trigo e não o joio. E para colher o “trigo” alguns personagens dos contos tiveram que atravessar o vale de espinhos e alfinetes. Os aspectos memoriais precisam agregar valores inovadores, humildes. A infância também nos contos de Carrascoza relata situações cotidianas

de crianças que tem sede de conhecimento, de descobrir. Os mesmos usam sua capacidade de colocar apelidos e programa o resultado dessa ação no cotidiano com os adultos através da comunicação.

O Pai? Parece o sol do meio-dia, forte... E a Mãe, André? A Mãe tem os olhos de jabuticaba. E a Tia Tereza? Tia Tereza, ela é a maritaca mais barulhenta! E o vaqueiro João? Olha bem pra ele, o vaqueiro João tem cara de tatu-peba. E os cachorros, André? O Deco. O Deco é como um sapão gordo. E o Lilau? O Lilau parece a Zita Benzedeira. E a Zita Benzedeira? A Zita parece o Lilau. E ríamos, ríamos, a vida deslizando... (CARRASCOZA, 2010, p. 11).

Através do ato de relembrar é possível se concentrar nas pessoas amadas, vê-las, ouvir sua voz, sentir a sua amizade. Pensar em alguém que se ama é reabrir a porta das histórias vividas. E de certa forma manter essas pessoas, mesmo que não seja de corpo presente, mas através das lembranças. Através da análise dos contos é perceptível nos personagens, vários tipos de sofrimento: afetivo, moral, intelectual, físico, financeiro, dores nas famílias. Alguns chamam mentalmente pelas pessoas queridas, cultivam a prática de estar sempre recordando é uma relação consciente com os que se foram de alguma forma. E começam a refletir sobre a caminhada da vida, o sofrimento na infância, e também relembram dos momentos felizes, há a presença de animais domésticos. “A família se reunia no domingo para macarronada na casa da avó, eu adorava ficar na varanda no meio dos adultos, ouvindo os casos, o Tor pulando nas minhas pernas e abanando o rabo, meu irmão me fazendo uma pipa, uma calmaquele tempo, tudo era devagar...” (CARRASCOZA, 2010, p. 107).

Os espinhos que atormentam os pensamentos dos personagens e afetam seu modo de pensar, seus sentimentos que às vezes os direcionam para baixo, indicam que feridas precisam ser curadas, o processo de recordar de algo bom traz uma boa nostalgia, como se um bálsamo estivesse sendo passado em suas mentes. Os personagens dos contos de Carrascoza exercem a prática de cultivar no dia a dia as lembranças que estão semeadas em suas mentes através de experiências vividas por si, ou pelos outros que o rodeavam.

E é o que eu mais vejo no meu trabalho, pessoas partindo, o tempo todo, aeroporto, rodoviária, hospital... Aí eu continuei a lembrar de Maria Cândida (queria ter encontrado ela outra vez, só pra conversar, andamos um trequinho juntos!), e lembrei das meninas lá em casa me esperando, eu sempre chego quando elas estão dormindo, lembrei do meu pai me ensinando a jogar bola. (CARRASCOZA, 2010, p. 109).

Todas as pessoas que passaram pela vida dos personagens deixaram marcas na memória, que se convertem em sentimentos que geram um desejo de reencontrar a pessoa

para conversar, estabelecer um diálogo, mas existem indivíduos que passam pela vida, porém não deixam saudades. O desejo de ter novamente a presença da pessoa é um sinal que a mesma foi muito especial. Apesar de muita coisa ter mudado com a passagem temporal. No conto da próxima vez o neto relembra os momentos mágicos ao lado da sua avó.

A Avó me aparava as unhas com a tesourinha, enquanto me contava histórias, Avó fazendo os bolinhos de chuva que eu pedia, a Avó a sacudir a velha panela para o estralar do milho-pipoca, a Avó soprando meu fermento que sangrava pela queda da bicicleta, e eu, está doendo, e ela, vai passar (CARRASCOZA, 2010, p. 63).

Às vezes pequenas ações fazem toda a diferença, a criança sabendo valorizar o amor e o carinho da avó e lembrando com sentimentos de saudade da infância que se foi com a passagem do tempo, mas vive e revive na sua memória. As lembranças servem como uma bússola, então os personagens sabem o que procurar para chegar ao objetivo, recordar é um caminho, nos contos de Carrascoza cada personagem tem um código de valores e princípios próprios. Interpretando a realidade como ela realmente é, e tentando extrair coisas boas da situação, os personagens são convidados ao desafio. Diante da tormenta eles olham para os resultados, buscando não se sentirem melindrados com os acontecimentos.

3 Materiais e métodos

A linha de pesquisa está voltada para análise literária com revisão de literatura sobre infância e espaço nos contos de Carrascoza. As etapas da pesquisa foram feitas através de Leitura do livro espinhos e alfinetes, diversas pesquisas na internet sobre o assunto, estabelecimento de comunicação com o autor do livro através da internet, que estabelecia um diálogo sobre a sua obra. Recebimento de orientações da orientadora.

4 Resultados obtidos

A obra de João Anzanello Carrascoza aborda sobre o sentido da existência com relação a várias fases da vida, desde a infância até a idade adulta, que são marcadas pelos momentos espinhosos e também alfinetosos, cada um sofre de acordo com a sua personalidade e sensibilidade, relembando o passado. As memórias remetem a várias lembranças e cada uma carrega um significado particular. Momentos afetuosos geram sentimentos de saudade com uma pitadinha de dor, agradecimento por ter conhecido pessoas que nunca deveriam ter partido.

As memórias impregnadas de recordações dolorosas causam certa repugnância em alguns indivíduos que buscam a fuga através do esquecimento, refúgio em alguma atividade espiritual ou física. Cada indivíduo age de acordo com as características de sua personalidade que na maioria dos casos é fortemente influenciada pelas experiências de vida que o mesmo acumulou durante todo esse período.

A infância é uma fase muito importante na vida de qualquer pessoa, o ser está em processo de formação social, coletiva, individual e intelectual. Muitos desses momentos ficam registrados na mente da criança que, ao se tornar adulto (a), recordará sempre de sua infância: O momento das brincadeiras, dos amigos (a), da culinária, do cheiro, das pessoas queridas. Tudo isso deixará espaço para a saudade e melancolia. Às vezes, querendo voltar no tempo e reencontrar os amigos que fizeram o coração sorrir.

Existem pessoas que relembram o passado com tristeza, focando em cada criança na sua individualidade, cada uma teve o seu grau de sofrimento, no conto coração as crianças perdem o pai, vítima de um ataque fulminante, e no conto espinho um menino perde seu irmão e melhor amigo, no conto alfinete um garoto perde sua mãe, são histórias de perdas constantes. As pessoas que são muito amadas são capazes de provocar uma grande dor no coração do ser que ama, quando falece. A morte provoca esse vazio profundo, essa saudade sem fim.

Os espinhos já são suficientemente dolorosos para os personagens dos contos e também na vida real, é preciso ter a cautela para não fabricar alfinetes que são os erros, as traições, essas ações criam situações pontiagudas. A fabricação de alfinetes multiplica o sofrimento que pode ser individual ou coletivo, talvez os dois juntos, dependendo da circunstância.

5 Discussão teórica

As crianças dos contos estão no momento de narrar a sua perda-tristeza, mas não são sempre melancólicas. No conto “Mar”, o jovem surfista que morreu no mar, foi uma criança feliz, sua infância foi marcada por grandes momentos ao lado do pai. O mesmo procurou a morte, por que deixou de considerar os perigos do mar.

Os espinhos são uma defesa contra as adversidades da vida, não apenas machucam, são também barreiras, para que as pessoas não sejam ainda mais agredidas. O taxista tem uma epifania levando o passageiro que se despede da vida. Trazer à memória o que passou, ou

acaba de passar faz parte da vida humana. E também buscar a superação dos problemas com desfechos tristes, encontrar uma solução. Os personagens são responsáveis pela constituição da identidade das mesmas. A ação de rememorar se torna cada vez mais difícil quando há a presença da morte (real ou simbólica).

Refletir sobre a questão da separação, buscando resposta para a questão, será mesmo que o afastamento das pessoas queridas é um sinal que elas cumpriram a sua missão, ou foi conseqüências de suas escolhas, que acabou doendo como uma alfinetada? Será que o espaço reflete o estado de espírito das crianças presentes nos contos, acentuando com isso a presença da melancolia, solidão e enfrentamento de seus medos? Como interpretar os acontecimentos da vida? A vida é marcada por uma sequência de eventos que são os encontros e desencontros, há pessoas que permanecem por pouco tempo na vida de alguém, e há outras que ficam mais tempo, algumas só a morte consegue separá-las.

Enfim, o ser humano aprende com essas experiências, tem certas decisões que doem muito, muitas vezes são escolhas entre duas hipóteses, a família, profissão, religião, onde o sujeito não queria descartar uma de jeito nenhum, contudo, a vida coloca o ser humano contra a parede e não tem jeito, imagine que um homem tenha recebido uma proposta para trabalhar no emprego dos seus sonhos no exterior e não poderá levar sua família amada que sempre o apoiou, mas a vida exige dele uma decisão.

Há casos que já não existirão próximos encontros, a morte é responsável por esse afastamento. Porém, ela não tem o poder de destruir as lembranças da pessoa que partiu. É preciso promover uma reflexão sobre o sentido da vida, conscientizar os leitores que o tempo aqui no plano terrestre é finito. Por isso, é fundamental valorizar o que for essencial e importante. A família é a base da sociedade, é importante fazer boas ações, ser do bem, para se transformar numa lembrança boa e significativa na vida de uma pessoa. Nos contos de Carrascoza há a presença de vários fatores, mente, sentimentos, é abordado o lado material, espiritual também.

6 Conclusão

Os personagens dos contos de Carrascoza, após a perda, passam por um processo de autoconhecimento interno. Os mesmos precisam aprender a viver sem a convivência física do ser amado, e isso é um processo doloroso. É preciso ter a consciência de que ninguém tem o controle absoluto sobre todos os fatos, principalmente sobre o tempo (que corrói lembranças e vitalidade). O acaso, o inesperado pode acontecer, contudo, isso não significa que as pessoas tenham que se manterem em estado de inércia. A vida convida cada indivíduo a colaborar fazendo a sua parte. Por outro lado, sonhos ou felicidade podem ser desfeitos devido às tragédias causadas pelo ser humano que são, pelo autor, denominadas como alfinetes. Quando a fatalidade é decorrente do ciclo natural da vida, essa fase é nomeada de espinhos.

Cada pessoa enfrenta o luto de uma forma, vai depender da personalidade da pessoa e sua capacidade de superação. Uns levam muito tempo para superar, não conseguem se libertar da dor tão facilmente. O luto antecipatório pode ser identificado no conto “Dora”, pois seus familiares sabem que ela está com câncer e busca aproveitar o máximo de tempo com ela demonstrando o quanto eles a amam. No conto “Poente”, também está à presença do luto antecipatório, pois o casal está se preparando para o divórcio, que de certa forma também é uma perda.

O luto é proporcionalmente influenciado pelo grau de afetividade e apego material que a pessoa desenvolveu com o outro, que partiu. Quem ama está sujeito ao sofrimento. A dor é como se fosse uma disciplina que cada pessoa acaba cursando, mesmo contra a vontade. E nesse processo, quando sua aptidão se desenvolve para o lado da aceitação, da maturidade emocional, conscientização de que a vida é efêmera, ela está desenvolvendo seu aprendizado. Porém, quando o ser humano decide se revoltar, conseqüentemente, isso gera mágoas que isola mais o ser em suas mesquinharias humanas.

Portanto, é imprescindível procurar meios de evolução e aprendizado. É necessário ter a consciência que a existência faz um convite a todos, esperando a decisão de conhecimento do eu interior que leva à epifania à plenitude. Aprender a recomeçar é extremamente importante, pois promove à reflexão e conscientização da realidade da vida. Os espinhos, que se referem às perdas, que ferem a matéria do corpo e a alma, traz o ensinamento de que a separação é um processo contínuo, e que há possibilidades das coisas melhorarem com o

tempo, vai depender do esforço pessoal de cada um. Todos nós, vítimas dos espinhos e alfinetes, devemos ser resilientes, adequando-nos às adversidades e extraindo de qualquer situação, principalmente as ruins, um aprendizado.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Lucas Toledo. **A escrita silenciosa de João Anzanello Carrascoza**. Publicado em: http://lounge.obviousmag.org/paginas_intempestivas/2014/06/a-escrita-silenciosa-de-joao-anzanello-carrascoza.html. Acessado: em 15. 10. 2015, 08: 47
- CARRASCOZA, João Anzanello. **Espinhos e alfinetes**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.
- FRANÇA, T. M. **Sentidos do signo “dízimo” no jornal “Folha Universal”**. 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. São Paulo: UNICAMP, 2003.
- MORDZINSKI, Daniel. **Estudos lusófonos**. Disponível em: <http://etudeslusophonesparis4.blogspot.com.br/2012/04/um-dedo-de-prosa-com-joao-carrascoza.html>. Acessado em 14.10.2015, 10: 25
- PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010. p. 49-57.
- ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula; VIANA, Terezinha Camargo. “Trauma e Infância : Considerações sobre a Vivência de Situações Potencialmente Traumáticas” In. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 31 n. 3, pp. 331-338. Jul-Set 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032273331338>. Acessado em 28.10.2018.



CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

FICHA DE CONTROLE E FREQUÊNCIA

Declaração da entrega das Atividades propostas no Regulamento

Projeto de Pesquisa

Artigo

Declaro que a acadêmica, Vanessa Barbosa realizou, cumprindo os prazos, a atividade acima assinalada Artigo, estando apta a depositá-la, conforme previsto no regulamento na seguinte situação:

Concluída e finalizada (redigida e digitada).

Em fase de conclusão (indicar o que esta faltando).

Em fase de elaboração (indicar o estágio em que se encontra).

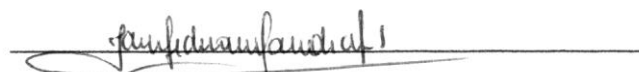
Realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.

Não realizou o Artigo passo a passo, conforme a orientação do orientador.

Trouxe o Artigo finalizada sem o conhecimento do orientador.

OBSERVAÇÃO:

Posse (GO) 05 de Novembro de 2018.


Orientadora

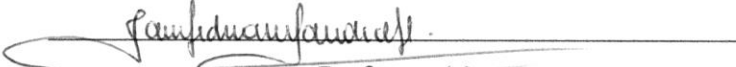
CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, Jane Adriane Gandra, professora de português, DECLARO que realizei a Revisão ortográfica completa do Artigo, Curso de Letras Português/Inglês do (a) acadêmico (a) Vanessa Barbosa, observando as recomendações da NGB do ponto de vista ortográfico, morfológico, sintático, semântico, principalmente coesão e coerência no *corpus* do texto.

Para efeito de documento, firmo a presente declaração.

Posse (GO), 05 de novembro de 2018.


Professor (a)

Professor: Jane Adriane Gandra

Endereço: R. Jesus José de Almeida, Q.48 - lote TB - A. José valente

Telefone fixo: _____ Cel.: (62) 98260 4219

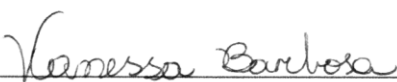
CÂMPUS POSSE - GOIÁS
COORDENAÇÃO ADJUNTO DE TRABALHO DE CURSO
PRODUÇÃO TÉCNICA ACADÊMICA DE ARTIGO CIENTÍFICO
CURSO: LETRAS/PORTUGUÊS-INGLÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

DECLARAÇÃO DE DISCENTE

Declaro para fins documentais que o meu Artigo científico apresentada ao Curso de Letras Português/Inglês do Câmpus Posse (GO), - Universidade Estadual de Goiás-UEG, é original, e não se trata de plágio; não havendo, portanto, cópias de partes, capítulos ou artigos de nenhum outro trabalho já defendido e publicado no Brasil ou o exterior. Caso ocorra plágio, estou ciente de que serei reprovado na Disciplina Artigo.

Por ser verdadeira, firmo esta declaração.

Posse (GO), 05. de novembro de 2018.



Acadêmico (a)